

PARTE UM

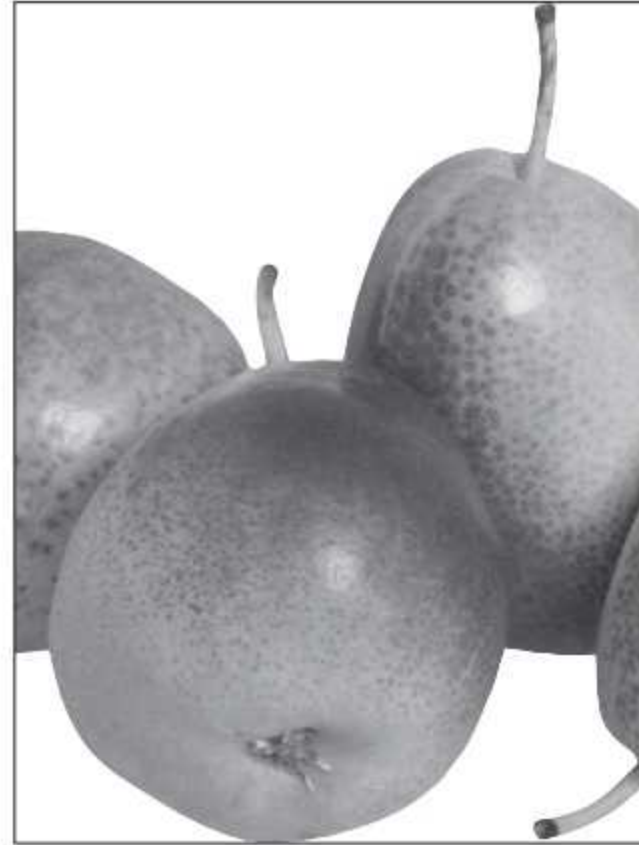
Introdução

CAPÍTULO 1 *Introdução à Teoria da
Personalidade* 2

CAPÍTULO 1

Introdução à Teoria da Personalidade

- ◆ *O que é personalidade?*
- ◆ *O que é uma teoria?*
 - Definição de teoria
 - A teoria e suas relações
 - Por que diferentes teorias?
 - As personalidades dos teóricos e suas teorias da personalidade
 - O que torna uma teoria útil?
- ◆ *Pesquisa em teoria da personalidade*
- ◆ *Dimensões para um conceito de humanidade*
- ◆ *Termos-chave e conceitos*



Por que as pessoas agem da forma como agem? Elas têm alguma escolha ao moldarem a própria personalidade? O que justifica as semelhanças e diferenças entre as pessoas? O que as faz agirem de maneiras previsíveis? Por que elas são imprevisíveis? Forças ocultas inconscientes controlam o comportamento das pessoas? O que causa os transtornos mentais? O comportamento humano é moldado mais pela hereditariedade ou pelo ambiente?

Durante séculos, filósofos, teólogos e outros pensadores fizeram essas indagações enquanto ponderavam sobre a essência da natureza humana – ou até mesmo se perguntavam se os humanos possuem uma natureza básica. Até tempos relativamente recentes, os grandes pensadores fizeram pouco progresso em obter respostas satisfatórias para tais questões. Mais de cem anos atrás, Sigmund Freud começou a combinar especulações filosóficas com um método científico primitivo. Como neurologista treinado em ciências, Freud passou a ouvir os pacientes para descobrir que conflitos se encontravam por trás dos variados sintomas deles. “Ouvir se tornou, para Freud, mais do que uma arte; transformou-se em um método, um caminho privilegiado para o conhecimento que seus pacientes mapeavam para ele” (Gay, 1988, p. 70).

Freud, de fato, foi o primeiro a desenvolver uma teoria verdadeiramente moderna da personalidade, com base, principalmente, em suas observações clínicas. Ele formulou a “Grande Teoria”, ou seja, uma teoria que tentou explicar a personalidade para todas as pessoas. Como veremos ao longo deste livro, muitos outros teóricos, com diferentes

pontos de vista, desenvolveram grandes teorias alternativas. A tendência geral durante o curso do século XX foi basear as teorias cada vez mais em observações científicas do que em observações clínicas. Ambas as fontes, no entanto, são fundamentos válidos para as teorias da personalidade.

O QUE É PERSONALIDADE?

Os humanos não estão sozinhos em sua singularidade e variabilidade entre os indivíduos das espécies. Os indivíduos que pertencem a cada espécie viva exibem diferenças ou variabilidade. De fato, animais como polvos, pássaros, porcos, cavalos, gatos e cachorros possuem diferenças individuais consistentes no comportamento, conhecidas de outra forma como personalidade, *dentro* de sua própria espécie (Dingemanse, Both, Drent, Van Oers, & Van Noordwijk, 2002; Gosling & John, 1999; Weinstein, Capitanio, & Gosling, 2008). Porém, o grau em que os humanos variam entre si, tanto física quanto psicologicamente, é espantoso e singular entre as espécies. Alguns de nós somos quietos e introvertidos, outros anseiam por contato e estimulação social; alguns de nós somos calmos e equilibrados, enquanto outros mostram-se excitados e persistentemente ansiosos. Neste livro, exploramos as explicações e ideias que vários homens e mulheres tiveram referentes a como acontecem essas diferenças na personalidade humana.

Os psicólogos diferem entre si quanto ao significado da personalidade. A maioria concorda que a palavra “personalidade” se originou do latim *persona*, que se referia a



Não existem duas pessoas, nem mesmo gêmeos idênticos, que tenham exatamente a mesma personalidade.

uma máscara teatral usada pelos atores romanos nos dramas gregos. Esses atores romanos antigos usavam uma máscara (*persona*) para projetar um papel ou uma falsa aparência. Tal visão superficial da personalidade, é claro, não é uma definição aceitável. Quando os psicólogos usam o termo “personalidade”, eles estão se referindo a algo que vai além do papel que as pessoas desempenham.

No entanto, os teóricos não entraram em consenso quanto a uma definição única de personalidade. Na verdade, eles desenvolveram teorias singulares e vitais, porque não havia concordância quanto à natureza da humanidade e porque cada um via a personalidade de um ponto de referência individual. Os teóricos da personalidade discutidos neste livro são de muitas procedências. Alguns nasceram na Europa e viveram toda a sua vida lá; outros nasceram na Europa, mas migram para outras partes do mundo, especialmente os Estados Unidos; há aqueles, ainda, que nasceram na América do Norte e permaneceram por lá. Muitos foram influenciados por experiências religiosas anteriores; outros não. A maioria foi treinada em psiquiatria ou psicologia. Muitos utilizaram a sua experiência como psicoterapeutas; outros se basearam mais na pesquisa empírica para reunir dados sobre a personalidade humana. Mesmo que todos eles tenham lidado de alguma forma com o que chamamos de personalidade, cada um abordou esse conceito global a partir de uma perspectiva diferente. Alguns tentaram construir uma teoria abrangente; outros foram menos ambiciosos e lidaram apenas com alguns aspectos da personalidade. Poucos teóricos definiram formalmente a personalidade, mas todos apresentaram sua própria visão sobre ela.

Apesar de não haver uma definição única que seja aceita por todos os teóricos da personalidade, podemos dizer que **personalidade** é um padrão de traços relativamente permanentes e características únicas que dão consistência e individualidade ao comportamento de uma pessoa (Roberts & Mroczek, 2008). Os **traços** contribuem para as diferenças individuais no comportamento, a consistência do comportamento ao longo do tempo e a estabilidade do comportamento nas diversas situações. Os traços podem ser únicos, comuns a algum grupo ou compartilhados pela espécie inteira, porém seu *padrão* é diferente em cada indivíduo. Assim, cada pessoa, embora seja como as outras em alguns aspectos, possui uma personalidade única. **Características** são qualidades peculiares de um indivíduo que incluem atributos como temperamento, psique e inteligência.

O QUE É UMA TEORIA?

A palavra “teoria” possui a distinção dúbia de ser um dos termos mais usados indevidamente e mais pouco compreendido da língua inglesa. Algumas pessoas contrastam

teoria com verdade ou fato, mas essa antítese demonstra uma ausência fundamental de compreensão de todos os três termos. Na ciência, as teorias são ferramentas usadas para gerar pesquisa e organizar observações, porém nem “verdade” nem “fato” possuem um lugar em uma terminologia científica.

Definição de teoria

Uma **teoria** científica é um conjunto de pressupostos relacionados que permite que os cientistas usem o raciocínio lógico dedutivo para formular hipóteses verificáveis. Essa definição precisa de maior explicação. Em primeiro lugar, uma teoria é um conjunto de pressupostos. Um único pressuposto nunca pode atender a todas as exigências de uma teoria adequada. Um único pressuposto, por exemplo, não pode servir para integrar várias observações, algo que uma teoria útil deve fazer.

Em segundo lugar, uma teoria é um conjunto de pressupostos *relacionados*. Pressupostos isolados não podem gerar hipóteses significativas, nem possuem consistência interna – dois critérios de uma teoria útil.

Em terceiro, uma palavra-chave na definição é *pressupostos*. Os componentes de uma teoria não são fatos comprovados no sentido de que sua validade tenha sido absolutamente estabelecida. Eles são, no entanto, aceitos *como se* fossem verdade. Este é um passo prático, dado de forma que os cientistas possam conduzir pesquisa úteis, cujos resultados continuam a construir e a reformular a teoria original.

Em quarto lugar, o *raciocínio lógico dedutivo* é usado pelo pesquisador para formular hipóteses. Os princípios de uma teoria devem ser especificados com uma precisão suficiente e com uma consistência lógica que permitam aos cientistas deduzir hipóteses claramente propostas. As hipóteses não são componentes da teoria, mas derivam dela. O trabalho de um cientista imaginativo é começar com a teoria geral e, por meio do raciocínio dedutivo, chegar a uma hipótese particular que pode ser verificada. Se as proposições teóricas gerais forem ilógicas, elas permanecem estéreis e incapazes de gerar hipóteses. Além do mais, se um pesquisador usa uma lógica falha na dedução de hipóteses, a pesquisa resultante não apresentará significado e não contribuirá para o processo contínuo de construção da teoria.

A parte final da definição inclui o qualificador *verificável*. A menos que uma hipótese possa ser verificada de alguma maneira, ela será inútil. A hipótese não precisa ser verificada imediatamente, mas deve sugerir a possibilidade de os cientistas, no futuro, desenvolverem os meios necessários para tanto.

A teoria e suas relações

As pessoas, às vezes, confundem teoria com filosofia, ou especulação, ou hipótese, ou taxonomia. Ainda que a teoria

esteja relacionada a cada um desses conceitos, ela não é o mesmo que qualquer um deles.

Filosofia

Primeiramente, a teoria está relacionada à filosofia, porém é um termo muito mais delimitado. Filosofia significa amor à sabedoria, e os filósofos são pessoas que buscam a sabedoria por meio do pensamento e do raciocínio. Os filósofos não são cientistas; eles normalmente não conduzem estudos controlados em sua busca pela sabedoria. A filosofia abrange várias ramificações, uma das quais é a **epistemologia**, ou a natureza do conhecimento. A teoria se relaciona mais intimamente a esse ramo da filosofia, porque ela é uma ferramenta usada pelos cientistas em sua busca pelo conhecimento.

As teorias não lidam com “o deve ser” ou o “deveria ser”. Portanto, um conjunto de princípios sobre como se deve viver a vida não pode ser uma teoria. Tais princípios envolvem valores e são o próprio campo da filosofia. Apesar de as teorias não serem livres de valores, elas são construídas sobre evidências científicas obtidas de uma forma relativamente imparcial. Assim, não existem teorias sobre por que a sociedade deve ajudar os desabrigados ou sobre o que constitui uma grande arte.

A filosofia lida com o que tem que ser ou deveria ser; a teoria não. A teoria lida com conjuntos amplos de afirmações *se-então*, porém o aspecto bom ou ruim dos resultados dessas afirmações está além do domínio da teoria. Por exemplo, uma teoria pode nos dizer que *se* as crianças são criadas em isolamento, completamente separadas do contato humano, *então* elas não desenvolverão linguagem humana, não exibirão comportamento parental, e assim por diante. No entanto, essa afirmação não diz nada a respeito da moralidade de tal método de criação de uma criança.

Especulação

Em segundo lugar, as teorias se baseiam na especulação, porém elas são muito mais do que mera pressuposição de gabinete. Elas não se originam da mente de um grande pensador isolado das observações empíricas. Elas estão intimamente ligadas a dados reunidos de modo empírico e à ciência.

Qual é a relação entre teoria e ciência? **Ciência** é o ramo de estudo interessado na observação e classificação dos dados e na verificação das leis gerais por meio do teste das hipóteses. As teorias são ferramentas úteis empregadas pelos cientistas para fornecer significado e organização para as observações. Além disso, as teorias proporcionam um terreno fértil para a produção de hipóteses verificáveis. Sem algum tipo de teoria para reunir as observações e apontar para direções de possíveis pesquisas, a ciência estaria muito prejudicada.

As teorias não são fantasias inúteis fabricadas por estudiosos pouco práticos que temem sujar suas mãos na

maquinaria da investigação científica. Na verdade, as teorias são bastante práticas e são essenciais para o avanço de qualquer ciência. Especulação e observação empírica são os dois pilares da construção da teoria, porém a especulação não deve correr muito à frente da observação controlada.

Hipótese

Ainda que teoria seja um conceito mais delimitado do que filosofia, é um termo mais amplo do que hipótese. Uma boa teoria é capaz de gerar muitas hipóteses. Uma **hipótese** é uma suposição ou palpite fundamentado suficientemente específico para que sua validade seja verificada por meio do método científico. Uma teoria é muito geral para se prestar à verificação direta, mas uma única teoria abrangente é capaz de gerar milhares de hipóteses. As hipóteses, então, são mais específicas do que as teorias que as concebem. Entretanto, a prole não deve ser confundida com o genitor.

Obviamente, existe uma relação íntima entre uma teoria e uma hipótese. Usando o *raciocínio dedutivo* (partindo do geral para o específico), um pesquisador pode obter hipóteses verificáveis a partir de uma teoria útil e, então, verificar essas hipóteses. Os resultados desses testes – confirmam ou contradizem as hipóteses – realimentam a teoria. Empregando o *raciocínio indutivo* (partindo do específico para o geral), o pesquisador, então, altera a teoria considerando esses resultados. À medida que a teoria se amplia e se modifica, outras hipóteses podem ser extraídas dela e, quando verificadas, reformulam a teoria.

Taxonomia

Uma **taxonomia** é uma classificação das coisas de acordo com suas relações naturais. As taxonomias são essenciais para o desenvolvimento de uma ciência, porque, sem a classificação dos dados, a ciência não poderia progredir. A mera classificação, no entanto, não constitui uma teoria. Contudo, as taxonomias podem evoluir para teorias quando começam a gerar hipóteses verificáveis e a explicar os achados de pesquisa. Por exemplo, Robert McCrae e Paul Costa começaram sua pesquisa classificando as pessoas em cinco traços de personalidade estáveis. Por fim, essa pesquisa sobre a taxonomia – Big Five – levou a mais do que uma mera classificação; ela se transformou em uma teoria, capaz de sugerir hipóteses e oferecer explicações para os resultados de pesquisa.

Por que diferentes teorias?

Se as teorias da personalidade são verdadeiramente científicas, por que há tantas teorias diferentes? Existem teorias alternativas porque a própria natureza de uma teoria permite que o teórico faça especulações a partir de um ponto de vista particular. O teórico deve ser o mais ob-

jetivo possível quando reúne os dados, mas suas decisões quanto a quais dados são coletados e como esses dados são interpretados são pessoais. As teorias não são leis imutáveis; elas são construídas, não sobre fatos provados, mas sobre pressupostos, que estão sujeitos à interpretação individual.

Todas as teorias são um reflexo da origem pessoal dos autores, de suas experiências infantis, de sua filosofia de vida, de suas relações interpessoais e de sua maneira única de ver o mundo. Como as observações são influenciadas pela estrutura de referência do observador, pode haver muitas teorias diferentes. Entretanto, teorias divergentes podem ser úteis. A utilidade de uma teoria não depende de seu valor prático ou de sua concordância com outras teorias; ela depende da capacidade de gerar pesquisa e de explicar os dados obtidos e outras observações.

As personalidades dos teóricos e suas teorias da personalidade

Como as teorias da personalidade se desenvolvem a partir das próprias personalidades dos teóricos, um estudo dessas personalidades é apropriado. Em anos recentes, uma subdisciplina da psicologia chamada **psicologia da ciência** começou a examinar os traços pessoais dos cientistas; isto é, ela investiga o impacto dos processos psicológicos e das características pessoais de um cientista no desenvolvimento de suas teorias e pesquisa (Feist, 1993, 1994, 2006; Feist & Gorman, 1998; Gholson, Shadish, Neimeyer, & Houts, 1989). Em outras palavras, a psicologia da ciência examina como as personalidades dos cientistas, seus processos cognitivos, histórias desenvolvimentais e experiência social afetam o tipo de ciência que eles desenvolvem e as teorias que eles criam. Na verdade, inúmeras investigações (Hart, 1982; Johnson, Germer, Efran, & Overton, 1988; Simon-ton, 2000; Zachar & Leong, 1992) demonstraram que as diferenças da personalidade influenciam a orientação teórica de um indivíduo, bem como sua inclinação a se voltar para o lado “duro” ou “leve” de uma disciplina.

Uma compreensão das teorias da personalidade se apoia nas informações referentes ao mundo histórico, social e psicológico de cada teórico no momento de sua formulação teórica. Como acreditamos que as teorias da personalidade refletem a personalidade do teórico, incluímos uma quantidade substancial de informações biográficas sobre cada teórico importante. Na verdade, as diferenças de personalidade entre os teóricos explicam as discordâncias fundamentais entre aqueles que se voltam para o lado quantitativo da psicologia (behavioristas, teóricos da aprendizagem social e teóricos dos traços) e aqueles que se voltam para o lado clínico e qualitativo da psicologia (psicanalistas, humanistas e existencialistas).

Ainda que a personalidade de um teórico molde parcialmente sua teoria, ela não deve ser a única determinante

daquela teoria. Da mesma forma, sua aceitação de uma ou outra teoria não deve se apoiar em valores e predileções pessoais. Ao avaliar e escolher uma teoria, deve-se reconhecer o impacto da história pessoal do teórico sobre a teoria, mas, em última análise, é preciso examiná-la com base nos critérios científicos que são independentes daquela história pessoal. Alguns observadores (Feist, 2006; Feist & Gorman, 1998) distinguiram entre *ciência como processo* e *ciência como produto*. O processo científico pode ser influenciado pelas características pessoais do cientista, porém a utilidade final do produto científico é e deve ser avaliada independentemente do processo. Assim, a avaliação de cada uma das teorias apresentadas neste livro deve se apoiar mais nos critérios objetivos do que em predileções e empatias.

O que torna uma teoria útil?

Uma teoria útil possui uma interação mútua e dinâmica com os dados da pesquisa. Em primeiro lugar, uma teoria gera inúmeras hipóteses que podem ser investigadas por meio da pesquisa, produzindo, assim, dados de pesquisa. Tais dados retornam para a teoria e a reestruturam. A partir dessa teoria recém-delineada, os cientistas podem extrair outras hipóteses, levando a mais pesquisa e dados, o que, por sua vez, reestrutura e aumenta a teoria ainda mais. Tal relação cíclica continua enquanto a teoria se mostrar útil.

Em segundo lugar, uma teoria útil organiza os dados de pesquisa em uma estrutura significativa e fornece uma explicação para os resultados da pesquisa científica. Essa relação entre teoria e dados de pesquisa é apresentada na Figura 1.1. Quando uma teoria não é mais capaz de gerar pesquisa adicional ou de explicar dados de pesquisa relacionados, ela perde sua utilidade e é deixada de lado em favor de uma que seja mais útil.

Além de promover a pesquisa e explicar os dados de pesquisa, uma teoria útil deve se prestar à confirmação ou à negação, proporcionar ao praticante um guia de ação, ser coerente com ela mesma e ser o mais simples possível. Portanto, avaliamos cada uma das teorias apresentadas neste livro com base em seis critérios: uma teoria útil (1) gera pesquisa, (2) é refutável, (3) organiza os dados, (4) orienta a ação, (5) é internamente coerente e (6) é parcimoniosa.

Gera pesquisa

O critério mais importante de uma teoria útil é a capacidade de estimular e orientar mais pesquisa. Sem uma teoria adequada para apontar o caminho, muitos dos achados empíricos presentes da ciência teriam permanecido desconhecidos. Na astronomia, por exemplo, o planeta Netuno foi descoberto porque a teoria do movimento gerou a hipótese de que a irregularidade do caminho de Urano fosse causada pela presença de outro planeta. A teoria útil forne-

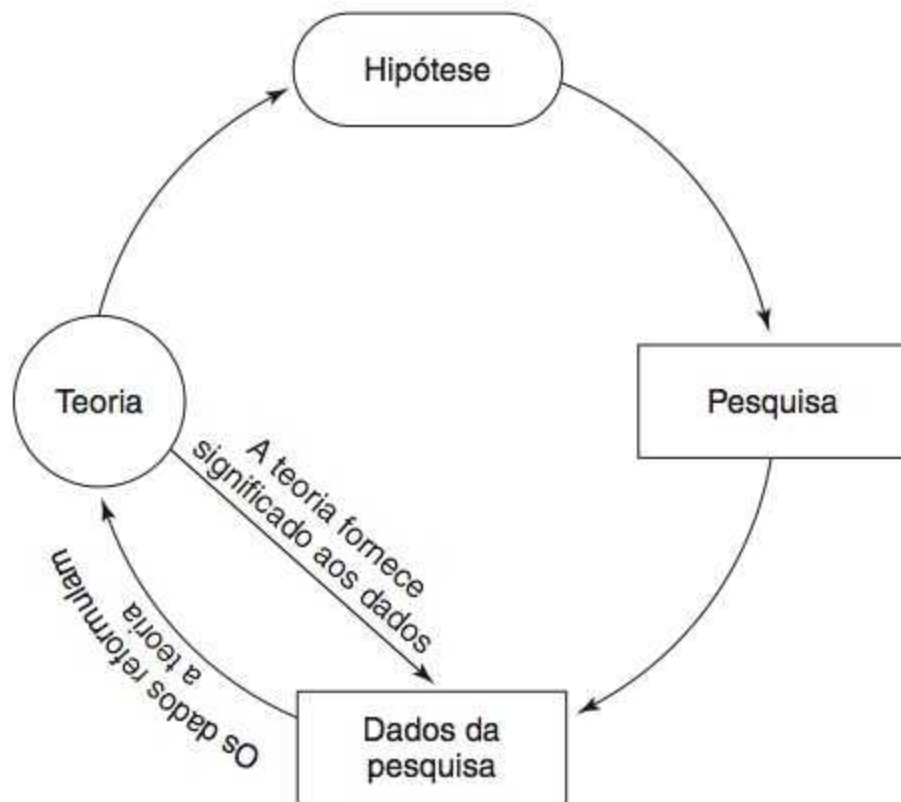


FIGURA 1.1 Interação entre teoria, hipóteses, pesquisa e dados da pesquisa.

ceu aos astrônomos um roteiro que guiou sua pesquisa e a descoberta do novo planeta.

Uma teoria útil gera dois tipos diferentes de pesquisa: pesquisa descritiva e teste da hipótese. A *pesquisa descritiva*, que pode ampliar uma teoria existente, preocupa-se com a medida, a catalogação e a classificação das unidades empregadas na construção da teoria. A pesquisa descritiva tem um relacionamento simbiótico com a teoria. Por um lado, ela fornece os fundamentos para a teoria; por outro, ela recebe seu impulso da teoria dinâmica em expansão. Quanto mais útil a teoria, mais pesquisa é gerada por ela; quanto maior a quantidade de pesquisa descritiva, a teoria torna-se mais completa.

O segundo tipo de pesquisa gerada por uma teoria útil, o *teste da hipótese*, conduz a uma verificação indireta da utilidade da teoria. Como já observamos, uma teoria útil gera muitas hipóteses, que, quando verificadas, somam-se a uma base de dados que pode reestruturar e ampliar a teoria. (Ver Fig. 1.1.)

É refutável

Uma teoria também deve ser avaliada segundo sua capacidade de ser confirmada ou negada; ou seja, ela deve ser **refutável**. Para tanto, uma teoria deve mostrar-se suficientemente precisa para sugerir pesquisas que possam apoiar ou não seus princípios principais. Se uma teoria for tão vaga e nebulosa que tanto os resultados positivos quanto os negativos da pesquisa podem ser interpretados como apoio, então essa teoria não será refutável e deixará de ser útil. Refutação, no entanto, não é o mesmo que falsidade; isto simplesmente significa que os resultados de pesquisa negativos refutam a teoria e forçam o teórico a descartá-la ou modificá-la.

Uma teoria refutável é responsável pelos resultados experimentais. A Figura 1.1 descreve uma conexão circular e mutuamente reforçadora entre teoria e pesquisa; cada uma forma uma base para a outra. A ciência é distinguida da não ciência por sua capacidade de rejeitar ideias que não são apoiadas empiricamente, mesmo que pareçam lógicas e racionais. Por exemplo, Aristóteles usou a lógica para argumentar que corpos mais leves caem em velocidades mais lentas do que corpos mais pesados. Ainda que seu argumento possa ter concordado com o “bom senso”, ele tinha um problema: estava empiricamente errado.

As teorias que se baseiam profundamente em transformações não observáveis no inconsciente são muito difíceis de verificar ou refutar. Por exemplo, a teoria de Freud sugere que muitos de nossos comportamentos e emoções são motivados por tendências inconscientes que são diretamente opostas às que expressamos. Por exemplo, o ódio inconsciente pode ser expresso como amor consciente, ou o medo inconsciente dos próprios sentimentos homossexuais pode assumir a forma de hostilidade exagerada em relação a indivíduos homossexuais. Como a teoria de Freud leva em consideração tais transformações no inconsciente, ela é quase impossível de verificar ou refutar. Uma teoria que consegue explicar tudo não explica nada.

Organiza os dados

Uma teoria útil também deve ser capaz de organizar os dados da pesquisa que são compatíveis entre si. Sem alguma organização ou classificação, os achados da pesquisa permanecem isolados e sem significado. A menos que os dados sejam organizados em alguma estrutura inteligível, os cientistas ficam sem uma direção clara a seguir na busca de maior conhecimento. Eles não podem fazer perguntas inteligentes sem uma estrutura teórica que organize suas informações. Sem perguntas inteligentes, a pesquisa adicional é restringida.

Uma teoria útil da personalidade deve ser capaz de integrar o que é sabido atualmente a respeito do comportamento humano e do desenvolvimento da personalidade. Ela deve ser capaz de moldar tantos fragmentos de informação quanto seja possível dentro de um arranjo que faça sentido. Se uma teoria da personalidade não oferecer uma explicação razoável de, pelo menos, alguns tipos de comportamento, ela deixa de ser útil.

Orienta a ação

O quarto critério de uma teoria útil é sua capacidade de orientar as pessoas no árduo caminho dos problemas do dia a dia. Por exemplo, pais, professores, administradores e psicoterapeutas são confrontados continuamente com uma avalanche de perguntas para as quais eles tentam encontrar respostas viáveis. A boa teoria oferece uma estrutura para que se encontrem muitas dessas respostas.

Sem uma teoria útil, as pessoas tropeçam na escuridão das técnicas de tentativa e erro; com uma orientação teórica sólida, elas podem discernir um curso de ação adequado.

Para o psicanalista freudiano e o conselheiro rogeriano, as respostas à mesma pergunta são muito diferentes. Para a pergunta: “Como posso tratar melhor este paciente?”, o terapeuta psicanalítico responde nestes termos: *Se* as psiconeuroses são causadas por conflitos sexuais infantis que se tornaram inconscientes, *então* posso ajudar melhor esse paciente examinando tais repressões e permitindo que o paciente reviva as experiências na ausência de conflito. Para essa mesma pergunta, o terapeuta rogeriano responde: *Se*, para crescer psicologicamente, as pessoas precisam de empatia, consideração positiva incondicional e uma relação com um terapeuta congruente, *então* posso ajudar mais esse paciente proporcionando uma atmosfera de aceitação, não ameaçadora. Observe-se que ambos os terapeutas construíram suas respostas dentro de uma estrutura *se-então*, muito embora as duas respostas requerem cursos de ação bastante diferentes.

Também incluído nesse critério, está até que ponto a teoria estimula pensamento e ação em outras disciplinas, como arte, literatura (incluindo filmes e novelas), direito, sociologia, filosofia, religião, educação, administração empresarial e psicoterapia. A maioria das teorias discutidas neste livro teve alguma influência em áreas além da psicologia. Por exemplo, a teoria de Freud promoveu pesquisas sobre lembranças recuperadas, um tópico muito importante para os profissionais do direito. Também a teoria de Jung é de grande interesse para muitos teólogos e capturou a imaginação de escritores populares como Joseph Campbell. Igualmente, as ideias de Alfred Adler, Erik Erikson, B. F. Skinner, Abraham Maslow, Carl Rogers, Rollo May e outros teóricos da personalidade produziram interesse e ação em uma ampla gama de campos acadêmicos.

É internamente coerente

Uma teoria útil não precisa ser coerente com outras teorias, mas precisa ser coerente consigo mesma. Uma teoria internamente coerente é aquela cujos componentes são compatíveis de modo lógico. As limitações de âmbito são cuidadosamente definidas, e a teoria não oferece explicações que vão além desse âmbito. Além disso, uma teoria internamente coerente usa a linguagem de uma forma também coerente; isto é, ela não emprega o mesmo termo para significar duas coisas diferentes, nem aplica dois termos distintos para se referir ao mesmo conceito.

Uma boa teoria usa conceitos e termos definidos de forma clara e operacional. Uma **definição operacional** é aquela que define unidades em termos de eventos ou comportamentos observáveis que podem ser mensurados. Por exemplo, um indivíduo extrovertido pode ser operacional-

mente definido como uma pessoa que atinge determinado escore em um inventário de personalidade específico.

É parcimoniosa

Quando duas teorias são iguais em sua capacidade de gerar pesquisa, ser refutável, dar significado aos dados, orientar o praticante e ser autocoerentes, a mais simples é a preferida. Esta é a lei da **parcimônia**. Na verdade, é claro, duas teorias nunca são exatamente iguais nessas outras competências, mas, em geral, as teorias simples são mais úteis do que aquelas que ficam atoladas sob o peso de conceitos complicados e linguagem esotérica.

Ao construir uma teoria da personalidade, os psicólogos devem começar em uma escala limitada e evitar fazer rápidas generalizações que expliquem todo o comportamento humano. Esse curso de ação foi seguido pela maioria dos teóricos discutidos neste livro. Por exemplo, Freud começou com uma teoria baseada em grande parte nas neuroses histéricas e, durante um período de anos, gradualmente, ampliou-a para incluir cada vez mais da personalidade total.

PESQUISA EM TEORIA DA PERSONALIDADE

Conforme apontamos anteriormente, o critério primário para uma teoria útil é a capacidade de gerar pesquisa. Também observamos que as teorias e os dados de pesquisa têm uma relação cíclica: a teoria dá significado aos dados, e os dados resultam da pesquisa experimental concebida para verificar as hipóteses geradas pela teoria. Nem todos os dados, no entanto, provêm da pesquisa experimental. Boa parte deles é oriunda de observações que cada um de nós faz todos os dias. Observar significa simplesmente notar algo, prestar atenção. Você vem observando personalidades humanas durante o mesmo tempo em que está vivo. Você observa que algumas pessoas são falantes e descontraídas; outras são quietas e reservadas. Você pode até mesmo ter rotulado tais pessoas como extrovertidas ou introvertidas. Estes são rótulos precisos? Uma pessoa extrovertida é igual a outra? Um extrovertido sempre é falante e descontraído? Todas as pessoas podem ser classificadas como introvertidas ou extrovertidas?

Ao fazer observações e indagações, você está realizando as mesmas coisas que os psicólogos, isto é, observar comportamentos humanos e tentar dar um sentido a essas observações. Contudo, os psicólogos, assim como outros cientistas, tentam ser *sistemáticos*, de modo que suas *predições* sejam coerentes e precisas.

Para melhorar sua capacidade de prever, os psicólogos da personalidade desenvolveram inúmeras técnicas de avaliação, incluindo inventários de personalidade. Boa parte das pesquisas relatadas nos demais capítulos deste livro se baseou em vários instrumentos de avaliação, os quais pre-



DIMENSÕES PARA UM CONCEITO DE HUMANIDADE

As teorias da personalidade diferem em questões básicas referentes à natureza da humanidade. Cada teoria da personalidade reflete os pressupostos de seu autor sobre humanidade. Tais pressupostos se apoiam em dimensões amplas, que separam os vários teóricos da personalidade. Usamos seis dessas dimensões como estrutura para examinar o conceito de humanidade de cada teórico.

A primeira dimensão é *determinismo versus livre-arbítrio*. O comportamento das pessoas é determinado por forças sobre as quais elas não têm controle ou as pessoas podem escolher ser o que desejam ser? O comportamento pode ser parcialmente livre e parcialmente determinado ao mesmo tempo? Ainda que a dimensão do determinismo *versus* livre-arbítrio seja mais filosófica do que científica, a posição que os teóricos assumem sobre essa questão molda sua forma de encarar as pessoas e influencia seu conceito de humanidade.

A segunda questão é *pessimismo versus otimismo*. As pessoas estão condenadas a viver vidas miseráveis, conflituosas e problemáticas ou elas podem mudar e crescer, tornando-se seres humanos psicologicamente saudáveis, felizes e funcionando de modo integral? Em geral, os teóricos da personalidade que acreditam no determinismo tendem a ser pessimistas (Skinner foi uma exceção notável), enquanto aqueles que acreditam no livre-arbítrio em geral são otimistas.

A terceira dimensão para examinar o conceito de humanidade de um teórico é *causalidade versus teleologia*. Brevemente, a **causalidade** sustenta que o comportamento é uma função de experiências passadas, enquanto a **teleologia** é uma explicação do comportamento em termos de objetivos e propósitos futuros. As pessoas agem como agem por causa do que aconteceu a elas no passado ou porque têm certas expectativas do que acontecerá no futuro?

A quarta consideração que divide os teóricos da personalidade é sua atitude em relação aos *determinantes conscientes versus inconscientes do comportamento*. As pessoas

normalmente estão conscientes do que fazem e de por que fazem aquilo ou forças inconscientes interferem e as levam a agir sem consciência dessas forças subjacentes?

A quinta questão é a das *influências biológicas versus sociais na personalidade*. As pessoas são, sobretudo, criaturas da biologia ou suas personalidades são moldadas, em grande parte, por suas relações sociais? Um elemento mais específico dessa questão é a hereditariedade *versus* o ambiente; ou seja, as características das pessoas são mais o resultado da hereditariedade ou elas são determinadas pelo ambiente?

A sexta questão é a *singularidade versus semelhanças*. A característica relevante das pessoas é sua individualidade ou são suas características comuns? O estudo da personalidade deve se concentrar naqueles traços que tornam as pessoas parecidas ou deve se voltar para os traços que as tornam diferentes?

Essas e outras questões básicas que separam os teóricos da personalidade resultaram em teorias da personalidade verdadeiramente diferentes, não apenas diferenças na terminologia. Não conseguiríamos apagar as diferenças entre as teorias da personalidade adotando uma linguagem comum. As diferenças são filosóficas e profundas. Cada teoria da personalidade reflete a personalidade individual de seu criador, e cada criador tem uma orientação filosófica única, moldada, em parte, pelas experiências precoces infantis, pela ordem de nascimento, pelo gênero, pelo treinamento, pela educação e pelo padrão de relações interpessoais. Essas diferenças ajudam a definir se um teórico será determinista ou adepto do livre-arbítrio, será pessimista ou otimista, adotará uma explicação causal ou teleológica. Elas também ajudam a determinar se o teórico enfatiza a consciência ou a inconsciência, os fatores biológicos ou sociais, as singularidades ou as semelhanças das pessoas. No entanto, essas diferenças não negam a possibilidade de que dois teóricos com visões opostas de humanidade possam ser igualmente científicos em sua reunião dos dados e construção da teoria.

tendem medir diferentes dimensões da personalidade. Para que esses instrumentos sejam úteis, eles devem ser confiáveis e válidos. A **fidedignidade** de um instrumento de medida nos diz até que ponto ele produz resultados coerentes.

Os inventários de personalidade podem ser confiáveis e, no entanto, carecerem de validade ou precisão. **Validade** é o grau em que um instrumento mede o que ele deve medir. Os psicólogos da personalidade interessam-se principalmente por dois tipos de validade: validade do construto e validade preditiva. *Validade do construto* é o quanto um instrumento mede algum construto hipotético. Construtos como extroversão, agressividade, inteligência e estabi-

lidade emocional não possuem existência física; eles são construtos hipotéticos que devem se relacionar ao comportamento observável. Três tipos importantes de validade de construto são *validade convergente*, *validade divergente* e *validade discriminante*. Um instrumento de medida tem validade de construto divergente quando os escores desse instrumento são altamente correlacionados (convergem) com escores em uma variedade de medidas desse mesmo construto. Por exemplo, um inventário de personalidade que tenta medir a extroversão deve se correlacionar com outras medidas de extroversão ou outros fatores, como sociabilidade e assertividade, que sabidamente acompanham

a extroversão. Um inventário possui validade de construto divergente se ele tem correlações baixas ou insignificantes com outros inventários que *não* medem esse construto. Por exemplo, um inventário que se propõe a medir a extroversão não deve estar altamente correlacionado a conveniência social, estabilidade emocional, honestidade ou autoestima. Por fim, um inventário tem validade discriminante se ele distinguir dois grupos de pessoas que são diferentes. Por exemplo, um inventário de personalidade que mede a extroversão deve produzir escores mais altos para pessoas reconhecidas como extrovertidas do que para aquelas vistas como introvertidas.

A segunda dimensão da validade é a *validade preditiva*, ou até que ponto um teste prediz algum comportamento futuro. Por exemplo, um teste de extroversão possui validade preditiva se ele se correlacionar com comportamentos futuros, como fumar cigarros, ter bom desempenho em provas acadêmicas, correr riscos ou algum outro critério independente. O valor final de um instrumento de medida é o grau em que ele consegue prever algum comportamento ou alguma condição futura.

A maioria dos primeiros teóricos da personalidade não usou inventários de avaliação padronizados. Ainda que Freud, Adler e Jung tenham desenvolvido uma forma de instrumento projetivo, nenhum deles usou a técnica com precisão suficiente para estabelecer sua fidedignidade e validade. No entanto, suas teorias geraram inúmeros inventários de personalidade padronizados, na medida em que pesquisadores e clínicos procuraram medir unidades de personalidade propostas por esses teóricos. Os teóricos da personalidade posteriores, especialmente Julian Rotter, Hans Eysenk e os Teóricos dos Cinco Fatores desenvolveram e usaram inúmeras medidas da personalidade e se basearam fortemente nelas para a construção de seus modelos teóricos.

Termos-chave e conceitos

- O termo “personalidade” vem do latim *persona*, ou a máscara que as pessoas apresentam ao mundo externo, mas os psicólogos entendem a personalidade como muito mais do que as aparências exteriores.
- *Personalidade* inclui todos aqueles traços ou características relativamente permanentes que dão alguma consistência ao comportamento de uma pessoa.
- Uma *teoria* é um conjunto de pressupostos relacionados que permite aos cientistas formularem hipóteses verificáveis.
- Teoria não deve ser confundida com *filosofia*, *especulação*, *hipótese* ou *taxonomia*, embora esteja relacionada a cada um desses termos.
- Seis critérios determinam a utilidade de uma teoria científica: (1) A teoria *gera pesquisa*? (2) Ela é *refutável*? (3) Ela *organiza e explica o conhecimento*? (4) Ela *sugere soluções práticas para problemas do dia a dia*? (5) Ela é *internamente coerente*? e (6) Ela é *simples ou parcimoniosa*?
- Cada teórico da personalidade possui um *conceito de humanidade* implícito ou explícito.
- Os conceitos de natureza humana podem ser discutidos a partir de seis perspectivas: (1) *determinismo versus livre-arbítrio*, (2) *pessimismo versus otimismo*, (3) *causalidade versus teleologia*, (4) *consciente versus inconsciente*, (5) *fatores biológicos versus sociais* e (6) *singularidade versus semelhanças* entre as pessoas.